

Review and Herald, 10 de Novembro, 1863

Por J.H.W

A Expição – parte 2

A Doutrina da Trindade degrada a expiação (continuação)

O grande erro dos trinitarianos, ao discutir esse assunto, parece ser este: eles não fazem distinção entre a negação de uma trindade e a negação da divindade de Cristo. Eles veem apenas os dois extremos, entre os quais está a verdade; e tomam todas as expressões referentes à pré-existência de Cristo como evidência de uma trindade. As Escrituras ensinam abundantemente a preexistência de Cristo e sua divindade; mas elas são totalmente silenciosas em relação a uma trindade. A declaração de que o divino Filho de Deus não poderia morrer está tão longe dos ensinamentos da Bíblia quanto as trevas estão da luz. E eu perguntaria ao trinitariano, a qual das duas naturezas devemos a redenção? A resposta deve, é claro, ser aquela que morreu ou derramou seu sangue por nós; pois "temos a redenção por meio de seu sangue". Então é evidente que, se apenas a natureza humana morresse, nosso redentor seria apenas humano, e que o divino Filho de Deus não participava da obra de redenção, pois não poderia sofrer nem morrer. Certamente eu afirmo, que a doutrina de uma trindade degrada a expiação, trazendo o sacrifício, o sangue de nossa compra, para o padrão do Socinianismo.

Mas não somos os únicos a ver essa dificuldade nas visões trinitárias do sacrifício expiatório. Suas próprias expressões revelam um senso da fraqueza de sua posição e da necessidade de algo mais do que uma oferta humana pela redenção do homem. O Dr. Barnes, conforme citado, diz que "a natureza divina na pessoa de Cristo" não poderia sofrer, nem morrer; ainda, ao falar da natureza da expiação, ele diz:

"Se for parte da doutrina da expiação, e essencial para essa doutrina, que o Redentor era divino, que ele era "Deus manifestado na carne", que havia, em um sentido próprio, uma encarnação da Deidade, então é claro que tal encarnação, e os sofrimentos de tal pessoa na cruz, foram eventos adaptados para causar uma impressão no universo em geral, muito mais profunda do que seria feito pelos sofrimentos dos próprios culpados.". "Todos devem sentir que foi apropriado que o Pai Eterno ordenasse ao sol que retirasse seus raios, e à terra que tremesse e que as rochas se rasgassem - para espalhar uma mortalha universal sobre o mundo - quando seu Filho morresse na cruz.". "Ele havia descido do céu, e tomou sobre si a forma de um servo. Ele se sujeitou voluntariamente à pobreza, vergonha e desprezo; foi amarrado, açoitado e rejeitado publicamente; ele foi submetido a um julgamento simulado e a uma condenação injusta; ele carregou sua própria cruz até o local da crucificação, e voluntariamente se entregou para ser condenado à morte de uma forma que envolvia a mais aguda tortura que o homem poderia infligir. " Pp. 255-6-7.

Se fosse verdade que a natureza divina - aquela que "desceu do céu" - não poderia sofrer e morrer, observações como as acima são apenas calculadas para enganar; e, a meu ver,

eles traem a consciência, por parte do escritor, de que se o sacrifício fosse apenas humano, como ele havia dito em outro lugar, a oferta carecia de dignidade e a expiação de eficácia.

O Manual da Expiação, conforme citado, diz que ele só poderia morrer como homem; que em sua natureza divina ele não poderia sofrer nem morrer; e ainda usa as seguintes palavras:

"Foi o pecado que tirou Cristo dos céus e o influenciou para levar uma vida de sofrimento neste mundo. Foi o pecado que feriu sua sagrada cabeça - que agonizou sua alma no jardim - que o levou ao Calvário - que o acertou para a cruz, e tirou o sangue de seu coração como um sacrifício expiatório pelo pecado. " P. 138.

Quem não suporia do exposto que o próprio Cristo que veio "dos céus" morreu na cruz? Por que essa linguagem é usada? Evidentemente para impressionar a enormidade do pecado e o valor do sacrifício, que não poderia ser feito pela morte de um ser humano. Esse objetivo pode ser realizado sem qualquer contradição, permitindo o que as Escrituras claramente ensinam sobre a morte do Filho de Deus.

Dr. Scott, que diz que sua morte foi apenas em sua natureza humana, ainda diz:

"Eu sou aquele que vive;' o Deus sempre vivo e autoexistente, a quem, como mediador, foi dado ter vida em si mesmo e ser a vida dos homens; e que também tinha sido obediente até a morte pelos pecadores; mas eis que ele estava vivo como o primeiro frutos da ressurreição, para não morrerem mais. "- Nota sobre Apocalipse 1:18.

"Esta mesma pessoa, que criou e sustenta todos os mundos, como o sumo sacerdote de seu povo, purificou a culpa de seus pecados, por si mesma, e o sacrifício de sua morte na cruz." - Nota em Heb. i, 3.

Se foi dado ao "Deus autoexistente" ter vida em si mesmo, por quem foi dado? Aqui está uma declaração clara de que "o Deus que vive e que existe por si mesmo" morreu pelos pecadores; no qual não posso acreditar, e o Dr. Scott não acreditou; pois ele o contradiz em outro lugar. O Deus autoexistente não poderia purificar nosso pecado "por si mesmo", mas o Filho de Deus poderia "por si mesmo" (como Paulo diz, Hb. 1) e o Deus existente poderia por seu Filho; pois Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo.

Dr. Clarke, em seu comentário, diz:

"Considerando que ele (Paulo) escreveu sob a inspiração do Espírito Santo, então temos do significado claro e gramatical das palavras que ele usou, a mais completa demonstração (porque o Espírito de Deus não pode mentir) que Aquele que morreu pelos nossos pecados, e ressuscitou para nossa justificação, e em cujo sangue temos a redenção, era DEUS sobre todos. "- Clarke em Col. 1.

"'Teu trono, ó Deus, é para todo o sempre.' Se isso for dito do Filho de Deus, isto é, de Jesus Cristo, então Jesus Cristo deve ser Deus; e de fato o desígnio do apóstolo é provar isso. "- Id. em Heb. 1, 8.

O Dr. Clarke pensa que foi o humano, não "a natureza divina de nosso Senhor" que morreu; portanto, aquela natureza humana, de acordo com sua nota em Col. 1, é Deus sobre tudo. "Novamente: ele diz que a natureza divina não era o "Filho de Deus", mas Hb 1. 8, fala do Filho; que ele diz que "deve ser Deus" e que "o desígnio do apóstolo é provar isso". Agora, se a "natureza divina" era Deus, como ele afirma, e se "o Filho" ou a "natureza humana" também era Deus, como ele diz nesta nota, e essas naturezas são tão distintas que o que se afirma de uma não pode ser afirmado da outra, a conclusão é inevitável de que, na pessoa de nosso Senhor, havia um Deus divino e um Deus humano. Nada pode ser mais absurdo ou ridículo do que "teologia" e "divindade" são expressas pelos doutores.

Dr. John Harris, em seu primeiro volume sobre Ciência Teológica - a Terra Pré-Adamita - diz:

"Para [iv apxn]¹ - no início - mesmo então Ele já [4v]² - era. A afirmação de sua pré-existência está incluída tanto em [bpxi]³ quanto em [iiv]⁴. Pois quando todas as coisas criadas ainda tinham que ser, Ele já era. Ele compreende tudo estar em si mesmo. " P. 31.

De Cristo como o Logos, o "Revelador Divino", ele diz:

"Agora, o ser que sustenta esta relação deve, em todos os aspectos, ser igual a Deus." P. 33.

E falando de sua manifestação ele usa a seguinte linguagem:

"Seus discípulos subsequentemente declararam que a vida havia se manifestado, e que eles a tinham visto; aquilo que era desde o princípio, eles haviam manuseado e visto, sim, a Palavra da Vida". P. 34.

Agora, quando os discípulos também declaram que aquela Palavra que eles viram e manejaram, foi morta na cruz e ressuscitou dos mortos, não podemos evitar a conclusão de que aquilo que era desde o princípio, que era antes de todas as coisas, na verdade morreu pelo homem. É claro que não podemos acreditar no que os homens dizem sobre ele ser igual a Deus em todos os aspectos, e que o Divino Filho de Deus não poderia sofrer nem morrer. Estas são meras palavras humanas. Mas que a Palavra, ou Logos, era o Filho de Deus, que ele era antes de todas as coisas, que se fez carne, que foi visto e manipulado por homens, que foi morto, que foi ressuscitado dos mortos ; estas são as palavras de inspiração. "O que é a palha para o trigo? Diz o Senhor." Enquanto tais

¹ Termos em Hebraico no artigo original.

² Ibidem.

³ Ibidem.

⁴ Ibidem.

inconsistências e contradições, como as aqui apontadas, forem apresentadas pelos professos defensores da verdade, a verdade deverá sofrer as dolorosas consequências.

J.H. W.

(Continua.)